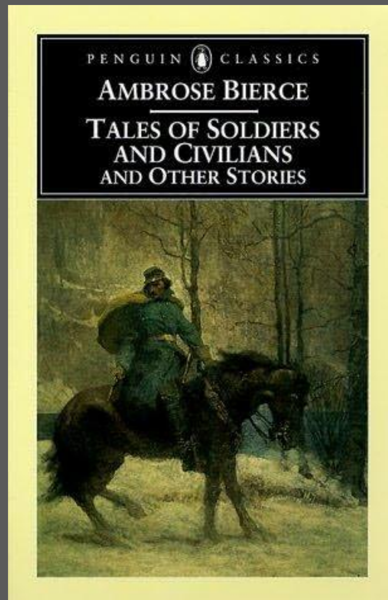
O caso do desfiladeiro de Coulter

Ambrose Bierce

Conto



Tradução e revisão: *Jossi Slavic*

ROMANCE COM TEMA SOBRENATURAL

Ambrose Bierce

- Você crê, coronel, que a seu valente Coulter agradaria convocar um de seus canhões aqui? - perguntou o general.

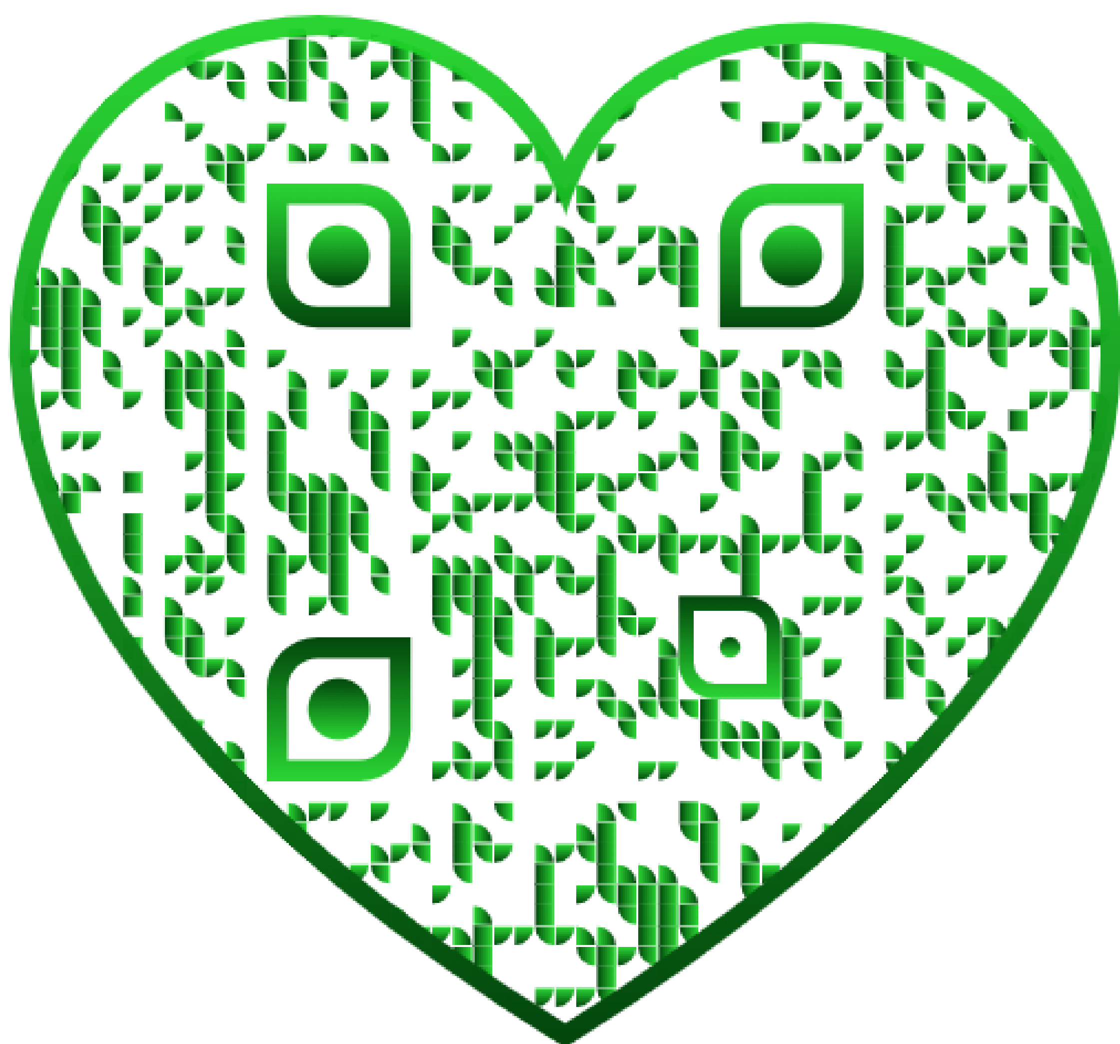
Não parecia que pudesse falar a sério: aquele, verdadeiramente, não parecia um lugar onde nenhum artilheiro, por valente que fosse, gostaria de colocar um canhão. O coronel pensou que possivelmente seu chefe de divisão queria lhe dar a entender, em tom de brincadeira, que em uma recente conversação entre eles e se exaltou muito o valor do capitão Coulter.

- Meu general - replicou, com entusiasmo - Coulter gostaria de convocar um canhão em qualquer parte que alcançasse a essa gente - com um gesto da mão apontou em direção ao inimigo.

- É o único lugar possível - afirmou o general.

Falava a sério, então.

O lugar era uma depressão, uma «fenda» na cúpula escarpada de uma colina. Era um passo pelo qual ascendia uma rota de pedágio, que alcançava o ponto mais alto de seu trajeto



serpenteando por um bosque espaçado e logo fazia um descida similar, embora menos abrupto, em direção ao inimigo. Em uma extensão de quilômetro e meio à direita e quilômetro e meio à esquerda, a cadeia de montanhas, embora ocupada pela infantaria federal, assentada justamente detrás da escarpada cúpula como mantida pela só pressão atmosférica, era inacessível à artilharia.

O único lugar utilizável era o fundo do desfiladeiro, apenas o bastante largo para estabelecer o caminho. Do lado dos confederados, esse ponto estava dominado por duas baterias apostadas sobre uma elevação um pouco mais baixa, ao outro lado de um arroio, em meio quilômetro de distância. As árvores de uma granja dissimulavam todos os canhões exceto um que, como com descaramento, estava colocado em uma clareira, justo em frente de uma construção bastante destacada: a casa de um plantador. O canhão, entretanto, estava bastante protegido em sua exposição porque a infantaria federal tinha recebido a ordem de não atirar. O desfiladeiro de Coulter, como chamou depois, não era um lugar, naquela agradável tarde do verão, onde a ninguém «agradasse colocar um canhão».

Três ou quatro cavalos mortos jaziam no caminho, três ou quatro homens mortos estavam ordenadamente colocados em fileira um do lado do outro, um pouco para trás, no pendente da colina. Todos menos nós eram soldados de cavalaria da vanguarda federal. Nós éramos Furriel. O general que comandava a divisão e o coronel em chefe da brigada, seguidos de seu estado maior e de sua escolta, tinham cavalgado até o fundo do desfiladeiro para examinar a bateria inimiga, que se tinha dissimulado imediatamente depois de umas altas nuvens de fumaça. Resultava inútil bisbilhotar sobre uns canhões que se mascaravam como as sépias, e o exame tinha sido breve. Quando terminou, a pouca distância do lugar onde tinha começado, produziu-se a conversação que relatamos parcialmente. «É o único lugar -repetiu o general com ar pensativo- de onde chegaremos a eles.»

O coronel olhou-o com gravidade.

- Só há espaço para um canhão, meu general. Um contra doze.

-É verdade... para um só cada vez -disse o comandante da divisão esboçando algo parecido a um sorriso-. Mas, então, seu bravo Coulter... tem uma bateria nele mesmo.

Seu tom irônico não deixava lugar a dúvidas. Ao coronel ele irritou, mas não soube o que dizer. O espírito de subordinação militar não promove a réplica, nem sequer a tácita desaprovação.

Naquele momento, um jovem oficial de artilharia subia lentamente a cavalo pelo caminho, escoltado por seu clarim. Era o capitão Coulter. Não devia ter mais de vinte e três anos. De média estatura, muito esbelto e flexível, montava seu cavalo com algo do ar de um civil. Em seu rosto havia algo singularmente distinto dos homens que o rodeavam; era magro, tinha o nariz grande e os olhos cinzas, um ligeiro bigode loiro e um comprido, bastante desordenado cabelo, também loiro. Seu uniforme mostrava sinais de descuido: a viseira do gasto quepe estava ligeiramente inclinada; a jaqueta, só abotoada à altura do cinturão, deixava ver bem uma camisa branca, bastante limpa para aquela etapa da campanha. Mas aquela indolência só afetava seu traje e seu porte: a expressão de seus olhos cinzas demonstrava um profundo interesse para tudo quanto o rodeava: escrutinavam como faróis a paisagem a direita e esquerda; depois se detinham um momento no céu que se via sobre o desfiladeiro: até chegar ao ponto mais alto do caminho, não havia nada mais que ver naquela direção.

Ao passar em frente a seus chefes de divisão e de brigada pelo lado do caminho, os saudou mecanicamente e se dispôs a prosseguir. O coronel lhe indicou por gestos que parasse.

- Capitão Coulter – disse - o inimigo situou doze peças de artilharia na colina contigüa. Se compreender bem ao general, ordena a você que convoque um canhão aqui e inicie o combate.

Houve um inexpressivo silêncio. O general olhou, impassível, um regimento distante que subia apertadamente e muito devagar pela colina, através da densa mataria, em espiral, como uma desalinhavada nuvem de fumaça azul. Pareceu que o capitão Coulter não tinha observado o general. Depois falou, lentamente e com aparente esforço:

- Na próxima colina, diz você, meu coronel? Estão os canhões perto da casa?

- Ah, já percorreu você este caminho antes! Sim, bem diante da casa.

-E é... necessário... abrir fogo? A ordem é formal?

Falava com voz rouca e entrecortada. Tinha empalidecido visivelmente. O coronel estava surpreso e mortificado. Lançou um olhar de nojo ao general. Nenhum indício naquele rosto imóvel, tão duro como o bronze. Um momento depois, o general se afastava cavalgando, seguido dos membros de seu estado maior e de sua escolta.

O coronel, humilhado e indignado, dispunha-se a ordenar que prendessem o capitão Coulter quando este pronunciou em voz baixa umas poucas palavras dirigidas a seu clarim, saudou e se dirigiu cavalgando em linha reta para o desfiladeiro. Quando chegou ao topo do caminho, com os gêmeos ante os olhos, mostrou-se recortado contra o céu, e ele e seu cavalo desenharam uma nítida figura eqüestre.

O clarim tinha baixado o pendente a toda carreira e desapareceu detrás de um bosque. Então, ouviu-se soar seu clarim entre os cedros e, em incrivelmente pouco tempo, um canhão seguido de um furgão de munições, cada qual tirado por seis cavalos e dirigido por sua equipe completa de artilheiros, apareceu estralando e arrasando a costa em meio de um torvelinho de pó. Então, foi empurrado a mão até a cúpula fatal, entre os cavalos, que ficaram mortos. O capitão fez um gesto com o braço, os homens que carregavam o canhão se moveram com assombrosa agilidade e, quase antes que as tropas que seguiam o caminho tivessem deixado de escutar o ruído das rodas, uma enorme nuvem branca se abateu sobre a colina com um ensurdecedor estrondo: o combate do desfiladeiro de Coulter tinha começado.

Não se pretende aqui relatar com detalhe os episódios e as vicissitudes deste horrível combate, um combate sem incidentes e com as únicas alternâncias de diferentes graus de desespero. Quase no momento em que o canhão do capitão Coulter lançava sua nuvem de fumaça como um desafio, doze nuvens se elevaram em resposta por entre as árvores que rodeavam a casa da plantação, e o rugido profundo de uma detonação múltiplo ressonou como um eco quebrado. Desde esse momento até o final, os canhões federais lutaram sua batalha sem esperança, em uma atmosfera de ferro candente cujos pensamentos eram relâmpagos e cujas façanhas eram a morte.

Como não desejava ver os esforços que não podia apoiar, nem a matança que não podia impedir, o coronel tinha escalado a cúpula até um ponto situado a quatrocentos metros à esquerda, de onde o desfiladeiro, invisível mas impulsionando sucessivas massas de fumaça, assemelhava-se a cratera de um vulcão em erupção. Observou os canhões inimigos com seus

prismáticos, constatando até onde podia os efeitos do fogo de Coulter - se Coulter vivia ainda para dirigi-lo. Viu que os artilheiros federais, ignorando as peças do inimigo cuja posição só podiam determinar pela fumaça, consagravam toda sua atenção ao que continuava convocado no terreno aberto: a grama de diante da casa. Ao redor e por cima deste duro canhão explodiam os obuses a intervalos de poucos segundos. Alguns fizeram explosão na casa, como se pôde ver por umas magras colunas de fumaça que subiam pelas brechas do teto. Viam-se claramente formas de homens e cavalos prostrados no chão.

- Se nossos homens estão fazendo tão bom trabalho com um só canhão - disse o coronel a um ajudante de campo que estava perto - devem estar sofrendo como o demônio o fogo de doze. Baixe e apresente a quem dirige esse canhão minhas felicitações pela eficácia de seu fogo.

Voltou-se para seu ajudante maior e adicionou:

- Observou você a maldita resistência de Coulter em obedecer ordens?

- Sim, meu coronel.

- Bom, não fale disto com ninguém, por favor. Não acredito que o general se preocupe de formular acusações. Terá sem dúvida bastante o que fazer para explicar seu papel neste modo tão pouco usual de divertir à retaguarda de um inimigo em retirada.

Um jovem oficial se aproximou da parte de baixo, escalando sem fôlego o morro. Quase antes de saudar, exclamou, ofegando:

- Meu coronel, envia-me o coronel Harmon para lhe informar que os canhões do inimigo se acham ao alcance de nossos fuzis e quase todos são visíveis desde numerosos pontos da colina.

O chefe de brigada olhou-o sem demonstrar o menor interesse.

- Sei - respondeu, tranqüilamente.

O jovem ajudante estava visivelmente sobressaltado.

- O coronel Harmon quer autorização para silenciar esses canhões.

- Eu também - replicou o coronel no tom de antes-. Saúde de minha parte ao coronel Harmon e lhe diga que ainda reinam as ordens do general para que a infantaria não abra fogo.

O ajudante saudou e se retirou. O coronel afundou os calcanhares em terra e deu meia volta para continuar olhando os canhões do inimigo.

- Coronel - disse o ajudante maior-, não sei se deveria dizer, mas há algo estranho em tudo isto. Sabia você que o capitão Coulter é do Sul?

- Não. É mesmo?

- Ouvi que o verão passado, a divisão que o general comandava então se encontrava nas cercanias da plantação de Coulter; acampou ali durante umas semanas e...

- Escute! -interrompeu-lhe o coronel levantando a mão-. Ouve isso?

Isso era o silêncio do canhão federal. O estado maior, os assistentes, as linhas de infantaria situadas detrás da cúpula, todos tinham «ouvido» e olhavam com curiosidade na direção da cratera, de onde não ascendia já fumaça a não ser só algumas nuvens esporádicas procedentes dos obuses inimigos. Então chegou o toque de um clarim e o ruído débil de umas rodas. Um minuto mais tarde, as agudas detonações começaram com redobrada atividade. O canhão destruído tinha sido substituído por outro, intacto.

- Sim -disse o ajudante maior, continuando sua história-, o general conheceu a família Coulter. Houve problemas, ignoro de que natureza... Algo que concernia à esposa de Coulter. É uma raivosa secesionista, corno quase todos na família, exceto Coulter, mas é uma boa esposa e uma dama muito educada. No quartel geral do exército se recebeu uma queixa. O general foi transferido a esta divisão. Parece estranho que depois disso a bateria de Coulter tenha sido atribuída a ela.

O coronel se levantou da rocha onde estava sentado. Seus olhos flamejavam de generosa indignação.

-Diga-me, Morrison - disse, olhando seu fofoqueiro oficial do estado maior diretamente à cara-, contou-lhe essa história um cavalheiro ou um embusteiro?

- Não quero revelar como me chegou, meu coronel, a menos que seja preciso - avermelhou ligeiramente - mas por minha vida que é verdade.

O coronel se virou para um carriola de oficiais que estava a certa distância.

- Tenente Williams! -gritou.

Um dos oficiais se separou do grupo e, adiantando-se, saudou e disse:

- Desculpe-me, meu coronel, acreditava que estava você informado. Williams morreu abaixo, ao pé do canhão. No que posso lhe servir, senhor?

O tenente Williams era o ajudante que tinha tido o prazer de transmitir ao oficial que comandava a bateria as felicitações de seu chefe de brigada.

-Vá -disse o coronel - e ordene a retirada dessa peça imediatamente. Não... Irei eu mesmo.

Desceu correndo a encosta que conduzia à parte de atrás do desfiladeiro, franqueando rochas e moitas, seguido de sua pequena escolta, entre uma tumultuosa desordem. Quando chegaram ao pé da encosta, montaram Seus cavalos, que os esperavam, enfiaram a trote rápido pelo caminho; dobraram uma curva e desembocaram no desfiladeiro. O espetáculo que encontraram ali era horripilante!

Naquele desfiladeiro, apenas suficientemente largo para um só canhão, tinham amontoado os restos de pelo menos quatro peças. Tinham percebido o silêncio de apenas o último inutilizado, era porque tinham faltado homens para substitui-lo rapidamente por outro. Os refugos se pulverizavam de ambos os lados do caminho; os homens tinham conseguido manter um espaço livre no meio em que a quinta peça estava agora fazendo fogo. Os homens? Pareciam demônios do inferno!

Todos sem boina, todos nus até a cintura, sua pele, fumegante, negra de manchas de pólvora e salpicada de gotas de sangue. Todos trabalhavam como dementes, dirigindo o aríete e os cartuchos, as alavancas e o gancho de disparo. A cada golpe de retrocesso, apoiavam contra as rodas seus ombros tumefactos e suas mãos ensangüentadas, e encaixavam de novo o pesado canhão em seu lugar. Não havia ordens. Naquele enlouquecido revôo de alaridos e explosões de obuses; entre o assobio agudo das lascas de ferro e das lascas que voavam por toda parte, não se tinha ouvido nenhuma ordem. Os oficiais, se é que ficaram oficiais, não se distinguiam dos soldados. Todos trabalhavam juntos, cada um, enquanto agüentava, dirigido por olhadas. Quando o canhão era vazio, carregava-se; quando estava carregado, apontava-se e se atirava. O coronel viu algo que não tinha visto jamais em toda sua carreira militar, algo horrível e misterioso: o canhão sangrava pela boca! Em um momento em que faltava água, o artilheiro que esponjava a peça tinha empapado a esponja em um atoleiro de sangue de um de seus camaradas. Não havia nenhum conflito em todo aquele trabalho. O dever do instante era óbvio. Quando um homem caía, outro, pouco mais limpo, parecia surgir da terra em lugar do morto, para cair por sua vez.

Com os canhões desfeitos jaziam também os homens desfeitos, ao lado dos restos, por cima e por debaixo. E, retrocedendo pelo caminho, uma horripilante procissão! Arrastavam-se com as mãos e os joelhos os feridos capazes de mover-se. O coronel, que compassivamente tinha enviado a sua escolta para a direita, teve que passar com seu cavalo por cima dos que estavam definitivamente mortos para não esmagar aqueles que ainda conservavam um resto de vida.

Manteve seu caminho com tranqüilidade em meio daquele inferno, aproximou-se do lado do canhão e, na escuridão da última descarga, golpeou na bochecha ao homem que sustentava o aríete, que se caiu acreditando que tinha morrido. Um demônio sete vezes condenado brotou entre a fumaça para ocupar seu posto, mas se deteve e fixou no oficial a cavalo um olhar inumano; os dentes lhe brilhavam entre os lábios negros; os olhos, selvagens e exagerados, ardiam como brasas sob as sobrancelhas ensangüentadas. O coronel fez um gesto autoritário lhe apontando a parte de atrás. O demônio se inclinou, em sinal de obediência. Era o capitão Coulter.

Simultaneamente ao sinal de alto do coronel, o silêncio caiu sobre todo o campo de batalha. A procissão de projéteis deixou de correr naquele desfile de morte porque o inimigo também tinha deixado de atirar. Seu exército tinha desaparecido há horas; o comandante da retaguarda, que tinha mantido sua posição com a esperança de silenciar o canhão federal, também tinha feito calar suas peças naquele estranho minuto.

-Não estava consciente do alcance de minha autoridade -disse o coronel sem dirigir-se a ninguém, enquanto cavalgava para o topo da colina para averiguar o que tinha ocorrido.

Uma hora mais tarde, sua brigada entrava no campo inimigo, e os soldados examinavam com respeito quase religioso, como fiéis ante as relíquias de um santo, os corpos de uma vintena de cavalos escancarados e os restos de três canhões imprestáveis. Os feridos tinham sido retirados; seus corpos desmembrados e rasgados teriam satisfeito muito ao inimigo.

Naturalmente, o coronel se alojou com sua família militar na casa da plantação. Embora bastante ruída, era melhor que um acampamento ao ar livre. Os móveis estavam muito desarrumados e quebrados. As paredes e os tetos tinham cedido em algumas parte e um aroma de pólvora o impregnava tudo. As camas, os armários para a roupa feminina e as despensas não estavam muito danificados. Os novos inquilinos de uma noite se instalaram como em sua casa, e a virtual aniquilação da bateria de Coulter lhes brindou um animado tema de conversação.

Durante o jantar, um assistente que pertencia à escolta apareceu na sala de jantar e pediu permissão para falar com o coronel.

-O que ocorre, Barbour? -perguntou o coronel amavelmente, tendo escutado suas palavras.

-Meu coronel, no porão se passa algo estranho. Não sei o que... acredito que há alguém ali. Eu tinha descido para registrar.

- Descerei para ver - disse um oficial do estado maior, levantando-se.

- Eu também - repôs o coronel-. Que outros fiquem. Guie-nos.

Tomaram um castiçal da mesa e desceram as escadas do porão. O assistente tremia visivelmente. O castiçal iluminava fracamente, mas em seguida, enquanto avançavam, seu estreito círculo de luz revelou uma forma humana sentada no chão contra a parede de pedra negra que eles tinham seguido.

Tinha os joelhos em alto e a cabeça arremessada para trás. O rosto, por ver-se de perfil, permanecia invisível porque o homem estava tão inclinado para diante que seu comprido cabelo o ocultava. E, de um modo estranho, sua barba, de uma cor muito mais escura, caía em uma grande massa enredada e se desdobrava sobre o chão a seu lado.

Detiveram-se involuntariamente. Depois, o coronel, tomando o castiçal da tremente mão do assistente, aproximou-se do homem e lhe examinou com atenção. A barba negra era a cabeleira de uma mulher morta. A mulher morta apertava entre seus braços um bebê morto. E o homem estreitava os dois entre seus braços, apertava-os contra seu peito, contra seus lábios. No cabelo do homem havia sangue. A meio metro, perto de uma depressão irregular da terra fresca que formava o chão do porão - uma escavação recente, com um pedaço convexo de ferro e nas beiradas visíveis em um dos lados- via-se o pé de um menino. O coronel elevou o castiçal o mais alto que pôde. O piso do quarto de cima tinha desabado e as lascas de madeira penduravam-se apontando em todas direções.

- Esta casa não é à prova de bombas -disse o coronel gravemente. Não lhe ocorreu que seu resumo do assunto tinha certa frivolidade.

Permaneceram um momento ao lado do grupo sem dizer uma palavra: o oficial do estado maior pensava em seu jantar interrompido; o assistente, no que podia conter um tonel que havia no outro lado do porão. De repente, o homem que acharam estar morto levantou a cabeça e os olhou tranqüilamente à cara. Tinha a pele negra como o carvão; suas bochechas pareciam tatuadas por irregulares linhas brancas. Os lábios também eram brancos, como os de um negro de teatro. Tinha sangue na fronte.

O oficial do estado maior retrocedeu um passo e o assistente, dois.

-O que faz você aqui, amigo? - perguntou o coronel, imutável.

- Esta casa me pertence, senhor - foi a réplica, deliberadamente cortês.
- Pertence-lhe? Ah, entendo! E estes?
- Minha mulher e minha filha. Sou o capitão Coulter.

***